

UMA LITERATURA DE GUERRA

Maria Eunice Moreira

Centro de Pesquisas Literárias – PUCRS

A Revolução que sacudiu o Estado do extremo sul durante dez anos representou, como em outras regiões do País de economia subsidiária, a insatisfação dos governos provinciais em relação ao governo central. Marcadas pela presença de idéias federativas e republicanas, essas revoltas evidenciavam os ressentimentos das oligarquias locais em relação à política imperial.

Assim compreendida, a Revolução Farroupilha não teria tomado a projeção que assumiu na historiografia oficial. Contudo, com o passar do tempo, o fato assumiu significação particular para o estado onde eclodiu — o Rio Grande do Sul — e se tornou o mais conhecido episódio da historiografia oficial rio-grandense. Além disso, é através dele que o Rio Grande é lembrado dentro do contexto mais amplo da história brasileira.

O Rio Grande do Sul, desde os tempos coloniais, vinha desenvolvendo uma economia mercantilizada e fornecedora do mercado interno brasileiro, como área produtora de couro e charque. Ao mesmo tempo, sua posição de Estado do extremo sul propiciava o desenvolvimento de uma sociedade militarizada, forjada no fogo permanente contra os catelhanos.

Dentro desse contexto, estabeleceram-se as relações entre a Coroa e os mandatários locais. Além de senhores da terra que lhes era concedida, os estancieiros eram os guardas e chefes da fronteira e, na maior parte das vezes, nestas relações, ao defender seus interesses particulares, entravam em desacordo com os representantes do Império, no Rio Grande.

A duplicidade da atividade exercida pelos estancieiros contribuiu para o aumento de desacordos com a Coroa. Se, de um lado, por razões militares, o governo central era obrigado a fazer concessões aos fazendeiros nos abusos que cometiam, de outro, o enriquecimento provocado pelo charque fazia com que estes mesmos

senhores da terra procurassem obter mais poder e autoridade em proveito de sua riqueza. Em outras palavras, o fortalecimento econômico dos estancieiros exigia semelhante fortalecimento, no plano político.

Com a Independência, dera-se a centralização do poder econômico: a disputa do Brasil pelo mercado internacional, através da ascensão do café. A situação não favorecia à economia sulina, dependente dos preços oferecidos pelo centro e da capacidade de absorção do mercado interno. A subordinação econômica, acrescentava-se também a subordinação política, diminuindo a participação dos rio-grandenses nas questões nacionais.

A "opressão da Corte sobre o Rio Grande" se fez sentir mais intensamente a partir da abdicação e da Regência, aumentada, ainda, pela emancipação da Província Cisplatina, que abalou o prestígio sulino, no centro do país.

As questões agravadas pelo conflito político-militar tornaram insanáveis as relações entre o governo provincial e o central, e a revolução que eclodiu em 1835, se constituiu na mais longa das rebeliões provinciais. Durante dez anos, o Rio Grande do Sul sustentou uma luta armada contra as forças imperiais.

Exatamente os motivos que levaram à revolução, e sua continuidade, conferiram à região uma identidade que, associada aos bravos feitos guerreiros e cristalizada em torno de heróis, deveria ser preservada e transmitida às sucessivas gerações.

O fato histórico é absorvido pela Literatura, ainda durante a fase bélica, através dos cancioneiros populares. Posteriormente, poetas e ficcionistas garantiram seu tratamento e permanência, não só nos anos subseqüentes ao evento, mas nos sucessivos momentos de nossa literatura, até a contemporaneidade.

A questão merece ser pensada, principalmente na literatura rio-grandense que se produziu ao longo do século XIX, uma vez que o tratamento literário, associado à palavra dos historiadores, consagrou um tipo — o gaúcho — e uma ideologia — a regionalista.

1 — AS PRIMEIRAS MARCAS

Os textos que apareceram ainda durante a fase bélica do evento e que, mais tarde, seriam compilados por Apolinário Porto Alegre, Simões Lopes Neto e Augusto Meyer, respectivamente, em *Cancioneiro da Revolução de 1835 (CRF)*, *Cancioneiro gaúcho*

(CGU) e *Cancioneiro gaúcho (CGA)*,* atestam o caráter separatista do movimento, a legenda épica da guerra e a idealização da figura do gaúcho.

Tomando-se como ponto de partida o Hino da República Rio-Grandense, cantado pela primeira vez em 30 de abril de 1839, de autoria de J.M. Mendanha, observa-se o aspecto separatista da revolução:

"Nobre povo Rio-Grandense
Povo de Heróis. Povo Bravo,
Conquistaste a independência!
Nunca mais serás escravo!" (CGU, 121)

reforçado pela idéia de que os rio-grandenses são os "continentistas", o "povo republicano", conforme registra esta variante do Hino:

"Salve oh! vinte de Setembro
Dia grato e soberano
Aos livres continentistas,
Ao Povo Republicano." (CGU, 122)

Em outra versão, a de Francisco Pinto da Fontoura, evidencia-se o caráter épico da revolução, no desejo de reviver Atenas e exercitar as virtudes das civilizações clássicas:

"Entre nós reviva Atenas
Para assombro dos tiranos,
Sejamos Gregos na glória
E na virtude Romanos." (CGU, 122)

CORO: Mostremos valor, constância
Nesta ímpia e injusta guerra;
Sirvam as nossas façanhas
De modelo a toda terra." (CGU, 122)

Embora a guerra seja injusta, a atitude dos revoltosos é plenamente justificada:

"Aborrecemos o jugo,
Fazemos guerra aos tiranos;
Juramos por nossas armas:
Seremos republicanos.

* — A partir daqui, os Cancioneiros serão identificados por estas siglas, usando-se, para as citações, a sigla, seguida do número da página da referência.

Contra a pátria os perversos
Tentaram mil maravilhas,
Mas tudo desaparece
Ao grito dos farroupilhas." (CGA, 150)

É nessa luta contra a "fúria sanhuda dessa canalha real", que o tipo regional tem que ser forte e rijo:

"Eu sou como a tempestade,
Eu sou rijo como o tufão,
Que esmago os vermes na terra,
E sobe para a amplidão." (CGU, 146)

e dotado de virtudes:

"Mas não basta p'ra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo:
Povo que não tem virtude,
Acabá por ser escravo." (CGU, 122)

Assim, nessa resistência heróica de dez anos contra o Império, o tipo local só poderia ser representado por um monarca, ainda que da solidão:

"Eu sou senhor dos desertos
Monarca da solidão!" (CGU, 145)

A pretensão é confirmada nestas quadrinhas, quando o cantor afirma:

"Ser monarca da coxilha,
Foi sempre o meu galardão
E quando alguém me duvida,
Desesco logo o facão!" (CGU, 151)

A valentia, atributo indispensável ao monarca, pode ser atestada por testemunhas:

"Sou valente como as armas,
Sou guapo como um leão!
E se duvidam, perguntem
À moçada do rincão!..." (CGU, 152)

Dentro dessa visão, em que valentia, lealdade, coragem são decisivas, os chefes farroupilhas são apresentados como verdadeiros heróis. Quando aos atributos físicos se somam os morais, a glorificação se completa. Bento Gonçalves da Silva, a personagem da Revolução Farroupilha mais cantada em versos, é apresentada como guia e herói, cujas façanhas são respeitadas em toda parte:

"Bento Gonçalves da Silva
Da liberdade é o guia,
É herói porque detesta
A infame tirania.

Graças mi te sejam dadas,
Grande Bento abençoado;
No Brasil, em toda a parte,
É teu nome respeitado." (CGA, 141)

Ao seu lado, aparecem outros vultos — Neto, Canabarro, José Antônio — também cantados como heróis, embora caiba a Bento o primeiro lugar, conforme a quadra:

"Bento Gonçalves, primeiro,
General Neto, segundo,
Fazem frente aos galegos
Em qualquer parte do mundo." (CGA, 141)

A fixação do tipo regional — o gaúcho, monarca das coxilhas — além de encontrar respaldo na figura dos líderes farroupilhas, se acentua quando a ele se opõem os galegos, os caramurus, defensores imperialistas, na Revolução. O galego é visto como "talão grosso, cara dura, unha de gancho, pé de chumbo, gente má" (CGA, 154) em que cabem todos os atributos negativos que permitem sua classificação como "esta raça, esta canalha" (CGA, 155).

Considerado sempre estrangeiro, associado ao mundo urbano, o galego perde sua referência de originário da Galícia, para identificar os opositores dos farroupilhas. É nesse sentido que o tipo é ironizado na tradição popular, como se observa nesta situação referencial de casamento:

"Ó galego, pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?" (CGA, 154)

Alargando-se as fronteiras dos campos de batalha, a oposição reflete dois modos de vida: o rural e o urbano, fixando, desse modo, a ideologia regionalista. O sentimento regionalista antipatiza a figura do Imperador, e o guasca largado de O canto do farrapo desafia:

"Quero ver essa tal Majestade;
Que apareça esse rei tão falado;
Quero ver se me pisa no poncho,
Sem sair ele mesmo pisado." (CGU, 146)

A guerra enseja, de outra parte, a manifestação da facção contrária — os legalistas, caramurus, galegos — cujos versos, embora em número bastante reduzido, quando comparados aos dos farroupilhas, fazem parte dos Cancioneiros. Justificando sua participação dizem eles:

"Nós temos de obrigação
Servir ao nosso monarca,
Agarrar os farroupilhas,
Metê-los no brigue-barca." (CGA, 158)

Ironizando a perda da Laguna pelos republicanos rio-grandenses, exaltam sua atuação:

"Os farrapos já diziam
Que a Laguna era sua;
Chegaram os caramurus
E botaram eles pra rua." (CGA, 159)

A exemplo dos farroupilhas, que possuíam várias versões para suas persignações, registra-se a versão caramuru, intitulada Persiguação caramuru. Nela, se constata a visão mais ampla que os caramurus tinham da revolução, não só de suas causas, mas da participação de seus líderes e de sua própria posição:

"Tristes tempos malfadados
De não vistas maravilhas!
Distinguem-se os farroupilhas
Pelo sinal.

De pistola, de punhal,
A vaça, reivosa gente
Assola o continente
De Santa Cruz.

Chamem-nos caramurus
Nos ameçam de saque;
Mas de semelhante ataque
Livre-nos Deus!

As leis andam a boléus
O povo tremendo foge...
Bento Gonçalves é hoje
Nosso Senhor!

Os que furtam sem pudor,
Espancam os seus patrícios,
Chamam-se sem artifícios
Dos nossos.

Os que, temendo alvoroços,
Querem viver retirados,
Logo são apelidados
Inimigos.

Dizem ainda tais amigos
Que há de Caldas governar,
E que a lei há de ditar
Em nome do Padre.

Não acham lei que lhes agrade,
Senão com a lei dos seus,
Todos abusam de Deus
E do Filho.

Malditos! Em um tomilho
Deve-se achar cada qual,
Com o tormento corporal
Do Espírito Santo.

Assim queira Deus portanto
Que o diabo por esses ares
Carregue o Silva Tevares
Amém, Jesus." (CRF, 79-80)

Nos Cancioneiros, observa-se uma seleção de temas e tipos de caráter regional, que se repetem insistentemente nos versos de origem popular. Há galegos e continentistas, monarcas e heróis, e a própria revolução separatista é uma guerra.

Muito embora nos versos compostos durante o período de guerra não se encontrem alusão ao gaúcho, o certo é que os atributos épicos do continentino, do defensor da República Rio-Grandense, começam a forjar o tipo regional do gaúcho, que se con-

substancia no decorrer do século XIX, sob dupla face: de um lado, o campeador livre, verdadeiro "monarca das coxilhas"; de outro, o guerreiro, empenhado em defender o rincão das invasões castelhanas e, posteriormente, dos "galegos". Garantem-se os elementos necessários para dotar a palavra de um sentido positivo, encobrendo-se a primitiva carga pejorativa, e ratifica-se a ideologia da classe dominante agropecuarista, a quem interessava a identidade entre peão e soldado, atribuindo ao gaúcho uma aura heróica. A Revolução Farroupilha, por seu caráter separatista e regional, consolida o processo de idealização, onde se confundem mito e realidade.

De outra parte, o regionalismo, enquanto corrente literária, está ligado ao separatismo sul-rio-grandense, cuja origem se encontra no episódio farroupilha e nos ideais que o cercam: valorização da liberdade, exaltação da terra gaúcha e do farrapo, sobre o qual recaem todos os atributos positivos do homem sulino.

Desse modo, a produção literária da segunda metade do século XIX traz a marca da guerra, cujo rastro se constata tanto na prosa quanto na poesia.

2 – O RASTRO DA GUERRA

2.1 – Na prosa

Passados apenas seis anos do movimento revolucionário que abalou a província rio-grandense por uma década, a guerra volta a ocupar seu lugar, agora na ficção. Contemporâneo da Guerra dos Farrapos, José Antônio do Vale Caldre e Fião escolhe a matéria histórica de sua experiência para escrever *O corsário*. Publicado em folhetim no jornal *O Americano*, do Rio de Janeiro, entre 1849 e 1851, este "romance brasileiro em oito quadros", teve sua primeira edição em 1851.

Caldre e Fião, o fundador do romance gaúcho, além de utilizar um episódio histórico da região sulina como pano de fundo à ação de sua narrativa – a Revolução Farroupilha – insere o tipo regional do Rio Grande do Sul, na literatura.

O ingresso oficial do tipo rio-grandense, na literatura brasileira, dá-se em 1870, quando José de Alencar publica *O gaúcho*. Embora ele já existisse na História, na crônica dos viajantes e nos cantos de monarquia gerados pela tradição popular, foi com o aval de Alencar que o tipo apareceu, na ficção, com sua aura heróica. O

Romantismo, que já tematizara o índio e o sertanejo, volta-se, agora, para o centauro dos pampas, livre e sempre pronto a usar sua coragem para defender seus constantes inimigos. Instaura-se um modelo dentro da literatura brasileira que seria percorrido por outros escritores.

Se bem que caiba a Alencar a introdução do gaúcho na prosa de ficção brasileira, não se pode deixar de mencionar que, antes dele, Caldre e Fião já o havia registrado. Assim, ao descrever a figura de quatro moços, com aspectos guerreiros, o romancista faz o aproveitamento do gaúcho, isentando-o de idealização. Sua visão é objetiva, limitando-se à observação e ao registro. Quando o descreve, parece fotografá-lo:

"Eram quatro moços vestidos à gaúcha: eles traziam chapéus arredondados de abas largas; trajavam chilipés com franjas; coletes vermelhos com botões amarelos, chales de cachemira velhos amarrados à cintura, excetuando um deles que cingia uma linda e bordada gualaca; e traziam ainda grandes e pesadas chilenas de prata; estavam armados à rio-grandense, com espada, duas pistolas, uma faca, uma carabina, e o laço e as bolas, que estavam seguras aos tentos dos cavalos; seus aspectos eram guerreiros; em seu todo apresentavam uma lhana franqueza e alegria bem pronunciada. Três dentre eles tinham cabelos ruivos em cabeleiras pendentes sobre os ombros, exceto o que cingia a gualaca, que tinha cabelos castanhos também da mesma forma dispostos."¹

A perspectiva idealista afasta-se ainda mais da obra de Caldre e Fião, quando se toma o líder farrapo Bento Gonçalves como personagem da narrativa. Ao apresentá-lo, o Autor provoca seu distanciamento do gaúcho, exatamente por possuir "tratos" não reservados ao sulino:

"Ele não parecia um oficial de guerrilhas acostumado ao trato grosseiro dos gaúchos, e à cavalheirosa altiveza dos monarcas, mas sim um homem educado nos salões polidos e magníficos das cidades; o seu espírito ativo e a sua sagacidade própria supria bem as estúpidas ilustrações que se adquirem nas escolas."²

A objetividade do romancista se estende a outro vulto revolucionário, Garibaldi, que é visto como aventureiro vulgar, só interessado em suas pilhagens marítimas. É Manuel da Cunha, um representante da lealdade gaúcha, quem relata suas façanhas:

“Contava-se ainda mais, como coisa certa, que um dos companheiros de Garibaldi, que com ele tinham feito as mais infames piraterias na Lagoa dos Patos, era o que comandava e o que dirigia essa reunião. Algumas das famílias que existem por aí queixaram-se amargamente de se verem expostas a visitas desses ladrões, aves de rapina que levavam consigo quanto encontravam, ainda mesmo dos mais pobres...”³

Apontando para um lado negativo da revolução, qual seja, o comportamento dos líderes nela envolvidos, o romancista concede a palavra a Bento Gonçalves a quem cabe justificar a luta, num discurso que reforça o separatismo rio-grandense:

“Os nossos fins políticos são nossos e só nossos; as nossas espadas brandem-se em defesa da nossa pátria; e se há interesses que nos guiem, esses interesses não passam do círculo da província.”⁴

Contudo, se os ideais revolucionários podem ser explicitados por seus chefes, eles não conseguem ser entendidos pelos subordinados. A eles, a rebelião parece ter deixado somente um saldo negativo, que se estende dos prejuízos pessoais à discussão de sua finalidade:

“Meus filhos, disse Filipe aos quatro cavaleiros, eu meti-me na revolução, e sou hoje uma vítima dos negros resultados que ela nos deixou; mas confesso-vos ingenuamente que ainda hoje ignoro os fins de Bento Gonçalves, as antecedências da revolução; e os fatos praticados pelo capitão José Gomes; tantas cousas...”⁵

Cabe ao grupo da Sociedade Partenon Literário, fundada em Porto Alegre, em 1868, o tratamento mais intenso do movimento revolucionário de 1835 e do tipo gaúcho, enquanto matéria de ficção. Sob a influência do Romantismo, o Partenon, problematizando o debate sobre a questão do nacionalismo, desenvolve interesse pela visão localista e cai na valorização do regional.

Atraídos principalmente pelo passado gaúcho, o grupo do Partenon Literário procura reviver a façanha dos outros tempos, indo buscar na revolução de 1835 a matriz da cultura regional. É nessa medida que o conflito ressurgiu como a época a ser re-atualizada, o *illud tempus* a ser recuperado.

É Apolinário Porto Alegre, a figura intelectual em torno da qual gravitava o Partenon Literário, quem aproveita a legenda he-

róica do conflito e consubstancia a auréola mítica do gaúcho, nestes “manejos de guerra”.

Em *O Vaqueano*, Apolinário toma a Revolução Farroupilha como pano de fundo histórico para o desenvolvimento de uma intriga amorosa, cujo final trágico é ditado pela vingança. Entretanto, o romancista acaba por realizar a exaltação do gaúcho, sintetizado na figura do vaqueano Avençal, e atribuir ao movimento de 35 uma carga heróica.

Assim, ao descrever o episódio de 15 de novembro de 1839, quando se trava mais uma batalha entre as facções imperialistas e republicanas — a tomada de Laguna — a derrota sofrida pelo exército farroupilha é apresentada como retirada gloriosa:

“Derrota?! Não... Retirada gloriosa, ressaca de vagalhões que imprimiram o selo de sua pujança onde bateram, fracassando”⁶

e Canabarro e Garibaldi, “leões de guerra, colunas avançadas da liberdade, cederam”, mas cederam, “é certo, ao número e recursos poderosos, não ao esforço e bizzarria”. Mesmo derrotados, são, todavia, grandes,

“Grandes na vitória e no infortúnio. Grandes na derrota, porque tinham no coração as lágrimas de desespero!”⁷

A carga heróica da revolução é reforçada pelo próprio “pavilhão da República (que) não costumava render-se: ardia com seus inimigos”.

A auréola que lhe atribui Apolinário é completada pela tipificação de José de Avençal, o vaqueano que conduz parte do exército farroupilha em direção de Santa Catarina. Avençal, a quem “nos misteres campeiros ninguém o excedia”, oferece, no fragor das lutas, seu melhor desempenho:

“Nos manejos de guerra não ficava somenos. A lança de duas braças de longura vibrava o bote tremendo, o pistão atravessado na guaiaca poucas vezes errava o tiro na andorinha que cortava os ares. Mas, quando expandia o rosto era ao ver a rodilha do laço revoltear no espaço e logo como uma jibóia aérea se distender, se enristar, cingir o corpo da vítima, retê-la no ímpeto de carreira, sofrê-la nas contorsões da sanha, envencilhá-la em estreito amplexo e estrangulá-la quase, abetendo-a, vendo-a humilde render-lhe homenagem; ou quando, as bolas em punho, rodeado de adversários, ia derrubando um por um, a golpes terríveis. Essa arma de nossos

camponeses realiza para o homem o que realizavam as balistas e catapultas antigas para as muralhas. Onde batem, fazem uma brecha e há quase sempre uma agonia."⁸

Em Paisagens, livro publicado em 1875, Apolinário Porto Alegre, no conto "Pilungo", deixa clara a dimensão da guerra, dividindo as crianças porto-alegrenses em duas facções:

"Quando em 1836 a guerra rompeu entre as facções farroupilha e caramuru, os meninos da cidade de Porto Alegre formaram duas parcialidades que reproduzem-se de tempos a tempos a qualquer movimento bélico no país.

Eram os Tinteiros e Bagadus."⁹

Em seguida, elucida o ficcionista que tinteiros eram os meninos que sabiam ler e escrever, enquanto que bagadus eram os desafortunados, desvalidos, exprimindo as duas denominações os indivíduos de bairros e classes diferentes. Numa perspectiva mais ampla, uns eram os imperiais, outros, os farrapós.

A tematização da revolução que, em Apolinário, se torna exercício constante, não constitui um discurso individual. Refletia o sentimento coletivo do grupo que liderava e que, na década de 1870, assumia o programa regionalista da Sociedade Partenon Literário. Vítor Valpério, em 1872, usa as páginas da revista da referida Sociedade para apresentar seu ideário nacionalista, no qual propunha a valorização da realidade local:

"Creio, como alguns escritores nacionais, que temos elementos de sobra para fazermos independência literária e estabelecermos na federação das letras república à parte."¹⁰

O aproveitamento da realidade local no ficcionista Alberto Coelho da Cunha, pseudônimo de Vítor Valpério, se encaminha, como em Apolinário, para a retomada do passado gaúcho e, neste, a Revolução Farroupilha. É assim que, em 1874, ao publicar *Um farrapo não se rende*, nas páginas da revista mensal do Partenon, toma o conflito revolucionário como tema de sua novela. A partir do título da narrativa, se percebe a aceitação do ideário regionalista e a reafirmação dos valores "passados", que constituem o genuíno gaúcho.

Ao utilizar a cena final da revolução, após a pacificação da província, Vítor Valpério desenvolve a narrativa sob a perspectiva

de um farrapo que observa as comemorações realizadas em uma cidade do interior:

"Encontrou em reboiço a povoação, era só gaias e alegrias por toda a parte. Em pelotões formados com música à frente percorriam as tropas as ruas; e adiante da música moleques e atiraram foguetes, cujos estalos eram pela turba saudados com vivas ao conde pacificador e ao monarca magnânimo."¹¹

O veterano guerreiro reflete todo seu pesar e desdém:

"Estava terrível de ver-se o veterano. Tinha visível, tinha patente no semblante, no todo, a violência da comoção em que sua alma se debatia; em que sentimentos de ira e de desprezo se agitavam, arguem-se impetuosos, chocavam-se, repeliam-se, uniam-se em consórcio e afastavam-se em divórcio...

A lâmina brilhante luzia-lhe na mão, e depois ouviu-se um estalo...

Ele a tinha partido de encontro aos joelhos.

Em face do servilismo, quebrava-se para sempre a espada desembainhada em prol da liberdade.

Era a última prova de fidelidade que do bravo recebia a república em seu sarcófago."¹²

O texto, além de reforçar os atributos físicos e morais do gaúcho — a força, a lealdade, a bravura — é também reafirmador do ideário farrapo, pois que, "em face do servilismo", o soldado quebra a espada sempre desembainhada em favor da liberdade.

Contudo, se o decênio revolucionário que sacudiu a província rio-grandense foi, até agora, tematizado de forma idealizada, caberá a dois representantes da mesma Sociedade Partenon Literário — José Bernardino dos Santos e Oliveira Belo — considerar a revolução de outro ponto de vista. Ainda que timidamente e sem se atrever a revisar o conflito histórico, José Bernardino e Oliveira Belo, de certa forma, antecipam uma das marcas da contemporânea ficção rio-grandense: a revisão da história local de forma crítica e desmitificada.

Em *A douda*, José Bernardino dos Santos realiza um libelo contra a luta fratricida, apontando para a barbárie do combate, que extermina irmãos:

"Horrorosamente bárbaro, miseravelmente execrando é, por sem dúvida, esse batalhar insensato em que se exterminam os cidadãos de um mesmo país, filhos de uma mesma raça e família, que falam uma só língua, regidos pelas mesmas leis, nascidos sob céu igual e adorando nele um único Deus; batalhas, onde cada golpe despedido não fe-

re um inimigo, porém vítima um irmão; não opõe resistência ao conquistador estrangeiro, mas corta iniquamente os laços sagrados do sangue, da afinidade e do amor!"¹³

Em outra passagem, o Autor resume "o estado das cousas desta varonil província", pelos efeitos terríveis da revolta:

"a indústria estava morta e o comércio exausto; a navegação, embarcada, apenas deixava cruzar nas águas das lagoas e rios imensos da província os lanchões e iates de guerra; a instrução, esse precioso alimento dos povos, desaparecera totalmente: todas as fontes da riqueza pública haviam secado: o fértil seio da terra se tornara estéril e ávaro: tudo enlanguescia, definhava tudo!"¹⁴

Para Oliveira Belo, autor de *Os farrapos*, de 1877, a rebelião separatista é condenada com vigor. Atingido diretamente pelo conflito, Belo o considera um "verdadeiro desastre para a bela e opulenta província", chegando a assumir uma posição política declarada, que quase beira o libelo político. Acremente, diz ele que "dez anos de luta porfiada não se diluem em trinta de paz ainda fraterna", pois o saldo deixado pela revolução é muito negativo: as estâncias foram abandonadas, a atividade comercial desapareceu, a propriedade entrou em crise. O conflito é visto com toda sua carga negativa, como uma "lava revolucionária" que "reboou pelas províncias do Rio Grande do Sul", despertando ecos recalçados e ocultos.

Dentro dessa linha de objetividade, onde a intenção de fazer crônica histórica é evidenciada pelo subtítulo do romance — Episódios da revolução de 35 — Oliveira Belo analisa o fio condutor da rebelião: a paixão. Para ele,

"houve na revolução do Rio Grande do Sul (...) duas paixões pleiteando em pró de mesma causa, cada uma a seu modo: a paixão do entusiasmo, ativa, nobre em si (...) servindo com afã um empenho, porventura repreensível porque exagerada em seus transbordamentos (...) e houve, também a paixão do assolamento, (...) explorando a subversão, como os corvos o desastre, para pastar os sanguentos destroços que ela deixa."¹⁵

A análise se estende à formação das tropas, onde o Autor aponta as falhas que deixaram de garantir o sucesso da revolta. Segundo ele, "à testa das tropas campeavam chefes mais ou menos prestigiosos", mas que operavam separadamente, ressentindo-se as

tropas da falta "de um corpo organizado segundo as regras, que soem disciplinar essas grandes e tremendas máquinas do morticínio, os exércitos".¹⁶

Contudo, Belo não consegue manter a isenção necessária ao tematizar a revolução e mesmo demonstrando a preocupação de que

"mais tarde, quando se for rastrear os depoimentos severos para o plenário da posteridade, pode ser que se encontre um ciclo de episódios romanescos e maravilhosos para um cancionero e não fundamentos seguros para sentenças convictas",¹⁷

ele próprio registra que "extravassão de bravura-houve como nunca e maior em povo algum e em nenhuma emergência".

É principalmente em torno da figura de Bento Gonçalves que o ficcionista perde o caráter objetivo que desejava imprimir, pois mostra que o líder farrapo defendia não só a honra da província, mas a "liberdade de nós todos" e a "vergonha de dar o pescoço à canga dos tiranos". Valente, brigando como um tigre ou tombando como "o leão tomado de surpresa pela récula dos caçadores", o general, mesmo atraído, "não dobrou a cabeça e metia medo aos legais".

A caracterização positiva do homem sulino é transferida dos chefes aos subordinados e o "centauro" aparece no "teso da coxilha" como rei, embora seja "uma realza selvática aquela", forjada nas "rudes lides da campanha, pelo arrojo destemido do seu campear nas savanas, pela agilidade e forças de seus músculos". É por isso que a tradição "o sagrara sobre o trono animado do baigual e nos domínios imensos dos pampas — monarca da coxilha".

O questionamento em torno dos objetivos e fins da revolta também é proposto por Belo. Ao falar dos negócios e idéias da revolução, Oliveira Belo cede a palavra a Ramiro, que pergunta:

"Qual o fim da rebelião? Que pretendem fazer os chefes se a fortuna lhes sorrir? Que árvore nascerá de semente regada com tanto sangue de irmãos?

Estará o Rio Grande preparado para a revolução? Quer a maioria dele a república?"¹⁸

cuja resposta, para Canabarro e Neto, era — "pela república, Bento Gonçalves" — "pela repressão da ditadura e do partido caramuru", outros ou "pela independência da província", segundo alguns.

A resposta final é dada por Juca Silva, o gaúcho, que resume:

"O que eu quero é a liberdade dos nossos pagos, tratemos primeiro cá da terra dos guascas, depois os outros que nos imitem se quiserem ou puderem, o que não quero, e comigo não contem para isso, é combater os cirmurus à tração."¹⁹

O discurso do representante sulino, mais uma vez, reforça o caráter regional da revolução — a defesa da terra dos guascas — ressaltando-se os atributos morais do gaúcho — não se combate à tração — mas de frente, como homem de bem.

É nessa medida que Oliveira Belo, ao escrever *Os farrapos*, ainda que mantivesse um distanciamento do conflito, tentando mostrar o outro lado da guerra, realiza uma obra que se insere na dimensão que o regionalismo literário vinha tomando e que o caracterizará no Rio Grande do Sul, a partir de 1870.

2.2 — Na poesia

As primeiras manifestações literárias rio-grandenses utilizaram-se da forma métrica, aliando elementos provenientes do cancionero folclórico e a familiaridade com a tradição trovadoresca platina. Desenvolvendo uma temática sempre vinculada ao mundo gauchesco, estas manifestações, que antecederam à revolução de 35, tiveram, contudo, sua afirmação e aproveitamento durante o período bélico do conflito.

Nesta época, em que as condições eram pouco favoráveis ao desenvolvimento da atividade cultural, o cultivo do verso propiciava sua aceitação pelas classes inferiores, mas também facilitava sua divulgação, ainda mais quando se poetizava sobre a própria revolução em andamento.

Utilizando-se da forma poética, Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento Mena, político e soldado durante a contenda civil, escreveu *Elogio*, poema que foi apresentado, pela primeira vez, no teatro da cidade de Piratini (RS), comemorando o segundo aniversário da proclamação da República Rio-Grandense:

"Fazei, fazei justiça ao sul brioso.
Seus filhos, denodados e prudentes,
Depois de suportarem longo tempo

Os rigores de dois mandões soberbos
Que apoiados por um governo inepto
Truculentos projetos meditavam,
Levantaram-se affim."²⁰

A justificativa da rebelião se dá em torno da idéia de que o sul não pôde suportar os grilhões da tirania e se levantou. Neste levante,

"A frente de Esquadrões disciplinados,
O tricolor pendão da liberdade,
Sol das nações, eclipse dos tiranos,
Neste fecundo solo, enriquecido
Pelos dons de Pomona, Ceres, Flora,
Neste fecundo solo, onde Almatas,
Impera com prazer entre os viventes,
Fundaram cidadões iguais aos Gracos
Aos Brutus, aos Valérios e Catões
Uma illustre república firmada
Nas bases de equidade e da justiça,
Desta excelsa república nascente
Partiram filosóficos princípios
Que as províncias irmãs, que oprimas gemem
Levarão, sobre as asas da memória,
Fraternidade, paz, independência,
Tolerância, concórdia e liberdade,
Sem a qual a virtude sobre a terra
É um fantasma vão, mesquinho parto
de autores charlatões e visionários."²¹

O *Elogio*, associado às manifestações poéticas de cunho popular, registradas nos Cancioneiros, demonstram a unidade de pensamento a respeito do conflito. De outra parte, Sarmiento Mena, figura intelectual da revolução, dá mostras de sua consciência política, ao entender que os "filosóficos princípios" sulinos serão levados às províncias que gemem, pela opressão do governo monárquico.

Se, contudo, a forma métrica já havia sido aceita pela literatura rio-grandense, no seu período inicial, é com o aparecimento da Sociedade Partenon Literário e sua adesão ao ideário romântico que a poesia se consolida.

Embora a finalidade literária não fosse a dominante na associação, seus agremiados utilizaram-se das páginas de sua revista que circulou, ainda que com interrupções, por um período de dez anos, para divulgar sua produção literária.

No período de 1868 a 1880, em que sua atuação foi mais intensa, o Partenon configurou uma orientação literária que se tornou a norma de sua época. Em torno das personalidades de Apolinário Porto Alegre e Caldre e Fião, juntou-se um grupo de jovens — Bernardo Taveira Jr., Hilário Ribeiro, Luciana de Abreu, Múcio Teixeira — que exploraram a temática romântica e apropriaram-se dos motivos regionais, em suas criações literárias. Nesta última vertente — a exploração de uma temática regional — os poetas do Partenon Literário, a exemplo do que já haviam realizado na prosa de ficção, exaltam o tipo regional rio-grandense e idealizam a Guerra dos Farrapos, como modelo da História sulina.

Como na ficção, cabe a Apolinário Porto Alegre o papel desencadeador das duas vertentes temáticas mencionadas, na poesia. Aproveitando-se do campeiro como motivo poético, os poetas aliam-se à questão dominante no momento, qual seja, a de ascensão do regionalismo literário. A idealização do tipo regional é ampliada quando, à sugestão dos elementos locais, se justapõem as formas do Romantismo brasileiro.

Em *Canto do campeiro*, Apolinário Porto Alegre, sob a influência nítida de Gonçalves Dias, assim o idealiza:

"Avante, ginete
Dos campos do sul!
Quem pode contigo,
Que, afeito ao perigo,
A sanha do imigo
Não temes, tufal?
Avante! Galopa
Num bom galopar;
Os laços e bolas,
Ferinas pistolas
Já fiz preparar;
Avante, ginete
Num bom galopar!"²²

A preocupação consciente com o regional, principalmente em Apolinário, o leva a um comprometimento político maior, que se traduz em repúdio às instituições relacionadas ao governo monárquico. De ideário político liberal, endossa críticas à escravidão e participa do movimento abolicionista, aceitando também as idéias republicanas. Desse modo, valorizar o passado rio-grandense, se, de um lado, demonstra sua preocupação com a questão local, de outro, representa a revolta contra a autoridade da Corte. A valori-

zação do passado histórico se realiza no aproveitamento temático da Revolução Farroupilha e de seus líderes, como das figuras que ela envolveu.

Ainda no *Canto do campeiro*, Apolinário justifica a revolta:

"O insulto reboa
Em nossos rincões
Na verde campina
Na alegre colina
Que o sol ilumina
Em plenas canções"²³

glorifica a luta:

"Soberbo decênio
A história gravou;
Decênio de glória
De eterna memória,
Que à luz da vitória
A pátria vingou!"²⁴

e ameaça revivê-la:

"Se alguém altaneiro
Feroz cativoiro
Ao livre campeiro
Mostrar-lhe sequer!"²⁵

Estava consubstanciada a idealização do tipo regional e consagrado o caráter glorioso da revolução de 35. A afirmativa pode ser comprovada por outro texto do mesmo Autor, *A evasão*, quando ele poetiza a fuga de Bento Gonçalves do Forte do Mar, na Bahia. Bento Gonçalves é o "mítico prometeu atado ao monte", é o "herói", o "bravo" que, ao contemplar Itaparica,

"Imagina em miragem deslumbrante
Na vastidão dos céus — essas campinas,
Teatro de bravura, pátrio estádio,
Que às grandes crenças serve de paládio"²⁶

Ao fugir do forte, arrojando-se ao mar, nada teme:

"Que importa o ribombar da artilharia,
A morte de roldão na bala ardente,

Nada. Pois, se uns são da servidão o abismo escuro, ele não é "o sol nas veredas do futuro?"

A geração do Partenon Literário pertencem dois poetas que, ainda não sendo colaboradores assíduos de sua Revista, expressam, em suas criações, a homogeneidade de pensamento de uma época no trato da questão regional e utilizam-se da guerra civil para compor seus poemas — Bernardo Taveira Jr. e Múcio Teixeira.

Bernardo Taveira Jr., no poema *Rio Grande do Sul*, ao buscar as origens da terra rio-grandense, enfatiza sua origem como descendente da raça tupi:

"Descendes, ó bela,
Da raça tupi —
Da raça dos fortes,
Dos lívres — aqui."²⁸

e, ao conformar a personagem do gaúcho, trata de associá-lo ao índio, parentesco que advém da natureza livre dos dois elementos:

"Não curvas na guerra,
Que aos fracos aterra,
A nobre cerviz;
Teus filhos são bravos,
Odeiam escravos,
Covardes e vis."²⁹

A liberdade, apanágio do homem sulino, é cantada pelo poeta, exaltando-se outras virtudes do tipo: a bravura e a fortaleza. Desse modo, a revolução dos farrapos aparece como o exemplo da história e a oportunidade para este homem forte demonstrar toda sua carga positiva, seja física ou moral:

"Dez anos passados
No campo de ação —
São dez epopéias
De eterno padrão!...
Se o sangue jorrava,
N'arena estampava
Triunfo imortal —
Traçava uma história
De exemplo e de glória,
Além, sem rival

Quem há de, quem pode
Fazer-te curvar?
Teus bríos altivos
Impune insultar?
Na guerra — valente —
Tem braços potente
Quem há de sustar?
Quem a frente, abatida,
Dobreste — vencida —
Quem pode dizer?"³⁰

O Indianismo, que tivera seu momento mais marcante nos anos 40 e 50, é tomado por essa geração de poetas, dando-se, a partir daí, a transferência para o regionalismo.

Ao publicar *As provincianas*, Taveira Jr. deixa explícito, no prefácio, a intenção de tratar da província rio-grandense, poetizando "sobre coisas que (me) passaram pelos olhos, e das quais tenho pleno conhecimento". Neste sentido, aproveita para criticar a Sênio que, num livro intitulado *O gaúcho*, "tratou do campeiro do Rio Grande do Sul, dos seus hábitos e costumes, sem nunca ter presenciado nada disso..."³¹. Assim, ao caracterizar o tipo regional, no poema *O canto do gaúcho*, Bernardo Taveira expressa sua "fidelidade", num poema de idealização, em que reforça os ideais de liberdade, coragem e ousadia que o configuraram:

"A Deus minha vida somente pertence,
E, à pátria votando meu braço terrível,
A frente não curvo a ninguém cá na terra!
Quem seiba não vejo nas lides da guerra
Sofrer como sofre, vencer como vence
O gaúcho terrível!"³²

As referências à Revolução Farroupilha aparecem, na obra, no poema *Rio Grande do Sul*. Também aqui, Taveira Jr. não mostra inovação na abordagem, seguindo a trilha dos outros poetas na idealização do conflito e na participação de seus líderes:

"Nas lutas pela pátria ameaçada
Onde é que se encontrou mais civismo?
De santo e pátrio amor aureolada,
Quem acaso venceu-te no heroísmo?
És a terra fecunda em que nasceram
Bento Gonçalves, Canabarro e Neto —
As águias a quem sempre alvoreceram
Belas auroras de um porvir dileto!"³³

Publicada em 1886, no período imediatamente anterior à proclamação da república, quando os ideais republicanos são encampados pelo grupo do Partenon Literário — embora, nesta época, a Sociedade já estivesse decadente — a Revolução Farrroupilha é retomada porque representa a esperança de libertação da monarquia que, desde 1835, “engendra o grande dia”.

“Oh! já muito mais longe esteve a esperança
De remir-nos da velha monarquia!
Aqui de trinta e cinco a idéia avança
E de hora em hora engendra o grande dia.”³⁴

A idéia já havia sido utilizada por Apolinário Porto Alegre, no Canto I, intitulado A liberdade, do poema Gabiã, ao reviver o ideal farrapo como esperança para a consecução da liberdade almejada pelos cativos:

“Os farrapos! Percorre de eco em eco
Por coxilhas, canhadas e vargado...
‘Os farrapos! Repetem estremecidos
De júbilo guerreiro e não de medo,
Desde o morro-stalaia
A humilde samambala,
Que sofriam cativos, em segredo!”³⁵

O final do século e a vigência das novas idéias com as quais ele se identifica não arrefece o ânimo pelo tratamento poético da revolução que conformou a ideologia gaúcha. Mesmo após o desenrolar de outra rebelião civil — a federalista, de 1893 — a guerra dos farrapos volta a ser motivo literário, agora num poema escrito em espanhol, por Múcio Teixeira, em 1903.

O poema, subtítulo “Episódio de la revolución de Rio Grande del Sur”, valoriza as façanhas e atividades do homem “de aquella tierra de guerreros” e reafirma seu caráter legendário:

“Además de las ínclitas hazañas
De mil viejos peñanos en la guerra,
Puede servir de ejemplo en las campinas
Esta leyenda heroica de mi tierra.”³⁶

Nos versos subseqüentes, os dois exércitos inimigos — “legales” e “harapos” — aproximam-se para se defrontar. Seus dois chefes, porém, pensando no derramamento de sangue que irão provocar, optam por se debater:

“Por el Jefe Imperialista
Fué la propuesta aceptada;
Y al darse los dos ejércitos
La señal de la batalla,
— Bajaron los Generales
Del punto donde acampaban:
Y en medio del Campo-Verde,
Al cruzarse sus espadas,
Dieron al mundo un ejemplo
Sin igual en las hazañas
Que refieren otros pueblos:
¡ Y la mayor, la más alta
Epopeya de las guerras
Escrita fué con las armas
De esos dos valientes hijos
De la tierra americana!”³⁷

E a morte do chefe dos farrapos, ao final, é tida como um ato de bravura, pois que morreu no fio da espada,

“¡ Dando su nombre a la historia,
Y mayor brillo a su Patria!”³⁸

CONCLUSÃO

A guerra deixa seu rastro, permeando a produção literária rio-grandense ao longo do século XIX. Desde as primeiras manifestações populares, que remontam à época do desencadeamento revolucionário, até os primeiros anos do século XX, a Guerra dos Farrapos constituiu-se no tema preferencialmente tratado por poetas e ficcionistas.

Infiltrando-se primeiramente no cancionero popular contemporâneo ao conflito bélico, a Revolução Farrroupilha será tomada, mais tarde, pelos componentes do Partenon Literário que, escrevendo sobre temas locais, determinaram não só a linha de produção literária rio-grandense, mas, sobretudo, desencadearam um movimento mais amplo — o Regionalismo.

A inclinação localista, despontada com Caldre e Fião, acentua-se na obra de Apolinário Porto Alegre, que orientou a geração do Partenon, convertendo-se em motivo literário por um período de tempo que ultrapassa o século passado e se estende à contemporaneidade.

Caracterizado o regionalismo pela exploração literária de um determinado tipo humano e pela preocupação com o tratamento de uma região específica, no caso gaúcho, ele incorpora um terceiro aspecto, qual seja, o aproveitamento de um tempo histórico. As lacunas propostas podem ser preenchidas pelos seguintes componentes, quando se refere ao Rio Grande do Sul: o gaúcho, a campanha e o passado, entendido aqui como "aquele tempo", tempo bom, que se deseja constantemente re-atualizado, pois que tempo de origem.

A natureza mítica deste mundo regional completa-se quando a ele se concede privilégio a um tempo passado — a época da Revolução Farroupilha. A questão pode ser pensada duplamente: de um lado, porque é a época em que era possível o desenrolar da aventura; de outro, porque possibilita a configuração de uma certa ideologia, representativa dos estancieros gaúchos, de caráter republicano e separatista, em relação ao governo da Corte.

Todos esses aspectos, cantados e tematizados pelas classes inferiores — cujos versos estão compilados nos Cancioneiros — e pela classe erudita — representada pela geração do Partenon Literário — associados ao discurso histórico, idealizado em torno de feitos de bravura e cristalizado na figura de heróis, delimitam um modelo a ser seguido e preservado.

A ficção, aliando-se ao discurso oficial, consagra, pois, o tipo humano responsável por esses atos — o gaúcho — e uma ideologia — a regionalista — reforçando os aspectos separatistas do movimento revolucionário.

É nessa medida que a Revolução Farroupilha transforma-se no motivo literário mais explorado na literatura de nosso Estado, fato que pode ser atestado pela longevidade de seu tratamento: desde as primeiras manifestações à produção ficcional contemporânea.

NOTAS

1. CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vals. *O corsário: romance rio-grandense*. Porto Alegre, Movimento, IEL/INL, 1979, p. 158-9.
2. Op. cit., p. 76.
3. Op. cit., p. 256.
4. Op. cit., p. 193.

5. Op. cit., p. 221.
6. PORTO ALEGRE, Apolinário. O vaqueano. In: *Novelas brasileiras*. São Paulo, Cultrix, 1963, p. 200.
7. Op. cit., p. 200.
8. Op. cit., p. 129.
9. IRIEMA, pseud. [Apolinário Porto Alegre]. Pilungo. In: *Paisagens*. Porto Alegre, Imprensa Literária, 1875, p. 39.
10. VALPIRIO, Vítor. In: CESAR, Guihermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 183.
11. —. Um farrapo não se rende. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, Imprensa Literária, out. 1874, p. 162.
12. Op. cit., p. 163-4.
13. SANTOS, José Bernardino dos. A douda. *Murmúrios do Guafba*. Porto Alegre, abr. 1870, p. 152.
14. Op. cit., p. 152.
15. OLIVEIRA BELO, Luís Alves Leite de. Os farrapos. Rio de Janeiro, Tip. da Reforma, 1877, p. 38-9.
16. Op. cit., p. 37.
17. Op. cit., p. 27.
18. Op. cit., p. 8.
19. Op. cit., p. 61-2.
20. MENA, Sebastião Xavier Sermanto. Elogio. In: MILLER, Alcides Lopes. *Poetas farroupilhas. Anais do 4º Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre, IHGRGS, 1946, p. 214.
21. Op. cit., p. 215.
22. PORTO ALEGRE, Apolinário. Canto do campeiro. In: ZILBERMAN, Regina, SILVEIRA, Carmem e BAUMGARTEN, Carlos A. *O Partenon Literário: poesia e prosa*. Antologia. Porto Alegre, EST/Instituto Cultural Português, 1980, p. 74.
23. Op. cit., p. 75.
24. Op. cit., p. 75.
25. Op. cit., p. 75-8.
26. —. A evasão. In: —. —. p. 95.
27. Op. cit., p. 96.
28. TAVEIRA JR., Bernardo. Rio Grande do Sul. In: —. —. p. 135.
29. Op. cit., p. 135.
30. Op. cit., p. 136.
31. TAVEIRA JR., Bernardo. *As provincianas*. Rio Grande, Liv. Evangélica, 1886, p. 2.
32. Op. cit., p. 21.
33. Op. cit., p. 10.
34. Op. cit., p. 10.
35. PORTO ALEGRE, Apolinário. Op. cit., nota nº 23, p. 86.
36. TEIXEIRA, Múcio. Duelo épico (episódio de la revolución de Rio Grande del Sur). In: *Poesias*. Rio de Janeiro, Garnier, 1903, Tomo II, p. 282.
37. Op. cit., p. 283.
38. Op. cit., p. 284.